

# Perspectivas da cooperação militar entre os BRICS

LUIZ ROGÉRIO FRANCO GOLDONI  
MANUEL DOMINGOS NETO

## Resumo

Investiga-se a cooperação militar entre os BRICS: o intercâmbio de material bélico e os projetos de desenvolvimento elaborados em conjunto. Tais iniciativas aproximam antigos rivais e contribuem para redesenhar a geopolítica mundial, com destaque para Eurásia. Em caso de sucesso, mesmo parcial, contribuiriam para encerrar a hegemonia multicentenária exercida pelas potências ocidentais industrializadas.

**Palavras-chave:** BRICS; Organização de Cooperação de Shanghai; Cooperação Militar; Intercâmbio de Material Bélico.



## Prospects for military cooperation among the BRICS

### Abstract

The article investigates the military cooperation among the BRICS: the exchange of military equipment and the development of projects elaborated in common. Such initiatives bring together old rivals and contribute to redesign the world geopolitics, especially Eurasia. In case of success, even partial, these initiatives would help to end the multi century hegemony exercised by Western industrialized powers.

**Keywords:** BRICS; Shanghai Cooperation Organization; Military Cooperation; Interchange of Military Equipment.

---

**LUIZ ROGÉRIO FRANCO  
GOLDONI**

Doutor em Ciência Política e  
editor de Tensões Mundiais.

---

**MANUEL DOMINGOS NETO**

Cientista Político e Presidente  
da Associação Brasileira de  
Estudos da Defesa (ABED).

---

RECEBIDO EM 10 DE MAIO DE 2014

---

APROVADO EM 17 DE JUNHO DE 2014

## 1 INTRODUÇÃO

A pretensão estadunidense de ditar unilateralmente as tendências mundiais por meio da palavra de ordem de “guerra ao terror” sofre rejeição generalizada seja no plano militar-operacional seja em suas expressões políticas e ainda em suas repercussões morais.

Com a crise financeira iniciada em 2008 evidenciou-se o descompasso entre o poderio militar estadunidense e seu desempenho econômico. Assim, os insucessos das intervenções militares protagonizadas pelos Estados Unidos e as dificuldades de preservação da unidade entre os integrantes da OTAN externas passaram a fragilizar os ocupantes da Casa Branca. Nesta ótica, o enfraquecimento da zona do euro e a guinada à direita na Europa; a prevalência de governos reformadores e autonomistas na América do Sul; a emergência de novos atores no mundo árabe e a crescente insegurança no abastecimento de petróleo; a preservação e a ampliação do legado da tecnologia militar da antiga União Soviética pela Rússia; a rapidez da projeção chinesa e os questionamentos intensivos sobre a “crise ambiental” conformam um quadro de instabilidade no tocante às perspectivas da ordem global.

Países com cenários geopolíticos, poderio militar, padrões culturais, sistemas políticos, sociais e econômicos absolutamente distintos procuram maior aproximação e articulam ações combinadas. A reação à velha ordem, configurada pela hegemonia dos EUA e da Europa Ocidental, e a busca por melhor posicionamento alimentam os entendimentos entre os BRICS. Hoje, o crescimento econômico e a aproximação entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul acenam para rearranjos no ordenamento internacional, atingindo inclusive os fundamentos de organismos internacionais que até agora serviram de instrumentos legitimadores das tradicionais potências dominadoras.

Uma rápida análise do comércio entre BRICS demonstra que a aproximação desses países transcende a esfera exclusivamente econômica. Enquanto os fluxos comerciais da China com os demais membros do grupo sofreram um grande aumento, entre 1995 e 2012, o intercâmbio comercial relativo entre Brasil, Rússia, Índia e África do Sul se manteve no mesmo patamar.

Os números referentes ao comércio exterior nesse período apontam para o baixo percentual de importação e exportação entre os quatro países. Por exemplo, a África do Sul foi o destino de apenas 0,06% das exportações russas em 2012 e a origem de 1,3% das importações indianas.<sup>1</sup> Ocorreu um decréscimo relativo das transações comerciais entre a Índia e a Rússia. Em 1995, este país era destino de 3,1% das exportações indianas; em 2012 passou a receber apenas 0,7% dessas vendas. No geral, houve uma diminuição relativa das trocas comerciais entre os dois países; a exceção foi o aumento da participação indiana nas exportações russas (de 0,5% para 0,9%). A Índia foi o país que mais comprou material bélico russo em 2012, logo seguido pela China.

Dados sobre o comércio de armamentos e sobre a cooperação militar internacional apontam para a crescente presença de russos e chineses no mercado mundial, principalmente na África, cuja persistente instabilidade política alimenta o interesse por material bélico. Neste âmbito, fica evidente o deslocamento de antigas potências hegemônicas. Em relação às trocas comerciais globais, a presença dos “emergentes” é ainda mais clara. O continente africano – excluída a África do Sul – recebeu, em 1995, 2,8% das exportações brasileiras, 1,2% das chinesas e 4,1% das indianas. Já em 2012 receberia respectivamente 4,3%, 3,4% e 7,7% das exportações dos países citados. Paralelamente, o peso relativo do continente para as exportações estadunidenses pouco se alterou no período analisado, passando de 1,3% para 1,6%.

Este artigo explora um aspecto dos entendimentos entre os BRICS que pode repercutir fortemente na dinâmica da disputa de poder no cenário internacional: a busca de capacidade ofensiva/defensiva na esfera militar. As transações, acordos e alianças de natureza militar entre essas potências emergentes refletem e influem nas propensões do reordenamento mundial em curso. Em caso de sucesso, mesmo parcial, engendrariam cenários estratégicos regionais capazes de soar como dobre de finados

---

1 Os dados concernentes às transações comerciais foram extraídos do site da UNCTAD (<[www.unctadstat.unctad.org](http://www.unctadstat.unctad.org)>, acesso em: 17 nov. 2013) e tiveram elaboração própria.

à centenária hegemonia exercida pelas potências (reconhecidas como) ocidentais.

## **2 COOPERAÇÃO MILITAR ENTRE OS BRICS**

“Cooperação militar” é expressão que abriga muitos sentidos. Aqui, designa um conjunto complexo e variado de iniciativas: compra, venda, aluguel ou doação de material militar, “ajudas” na formação ou capacitação de aparelhos militares, compartilhamento de tecnologias ou parcerias para desenvolvimento de projetos estratégicos, acordos ou alianças de defesa conjunta, compartilhamento de informações estratégicas, permissão de instalação de bases militares, etc. A cooperação militar pode ainda ganhar conotações disfarçadas em eufemismos como “ajuda humanitária”.

Mas as iniciativas de cooperação militar não obedecem a esquemas universais rígidos e permanentes. Cada caso é um caso: fundam-se em interesses específicos de países ou de conjuntos de países; atendem às mutações conjunturais sem deixar de ter em conta atavismos, aproximações longevas ou rivalidades ancestrais; podem, inclusive, não ser mais que jogos de cena. A importância da cooperação deve ser contextualizada com acuidade.

Em 1996, Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão se reuniram em Xangai para debater questões de defesa e segurança. Tratava-se de uma iniciativa de aproximação de adversários históricos e de ex-repúblicas soviéticas. Com o aumento das tensões na região e das ameaças de terrorismo, separatismo e extremismo, em 2001, os “Shanghai Five”, juntamente com o Uzbequistão, criaram a Organização de Cooperação de Shanghai (doravante OCS). Em 2004-2005, em meio à crescente presença estadunidense na Ásia Central e no Oriente Médio “legitimada” pela cruzada contra o terror, Índia, Paquistão, Irã e Mongólia ingressariam na OCS como observadores. Em 2009, o Afeganistão juntar-se-ia a esse grupo.

A presença de Rússia, China, Índia e Paquistão, potências nucleares e com relações políticas conturbadas, dentro de uma mesma organização de caráter militar parece indicar uma tentativa de superação de animosidades em favor de objetivos comuns.

Em 2013, uma semana após o lançamento da nova edição do *Livro Branco de defesa chinês*, o diretor geral do Institute for Defence Studies and Analyzes da Índia (IDSA), Arvind Gupta, destacou seus impactos sobre a defesa indiana. Gupta enumerou seis possíveis ameaças para a Índia, dentre elas a crescente presença militar chinesa em áreas de interesse indiano, a realização de exercícios militares conjuntos da China e do Paquistão perto do território indiano, o preparo do exército chinês para a guerra de 4ª geração, o possível aumento das tensões entre China, Japão<sup>2</sup> e Estados Unidos<sup>3</sup> e principalmente a não menção explícita à doutrina do “no first use”,<sup>4</sup> o que, segundo o analista, representa sérias ameaças à defesa do seu país.

For the first time, the White Paper did not explicitly mention the “no first use” doctrine but it laid emphasis on strategic deterrence and counter attack. Non-mention of the No First Use has led many observers to debate whether China is beginning to dilute its NFU commitment. This will need to be watched (GUPTA, 2013).

O principal objetivo da organização, que representa um rearranjo de forças de uma importante área geopolítica, é evitar conflitos entre seus membros. Todavia, as ações da OCS extravasam as preocupações relativas à defesa e à segurança e ao combate aos três demônios mencionados por Oldberg (2007, p. 14): terrorismo,

---

2 “On the issues concerning China’s territorial sovereignty and maritime rights and interests, some neighboring countries are taking actions that complicate or exacerbate the situation, and Japan is making trouble over the issue of the Diaoyu Islands” (MINISTRY OF DEFENSE OF THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, 2013, 1).

3 A menção aos Estados Unidos é menos explícita, como não poderia deixar de ser: “Therefore, China has an arduous task to safeguard its national unification, territorial integrity and development interests. Some country has strengthened its Asia-Pacific military alliances, expanded its military presence in the region, and frequently makes the situation there tenser” (Ibidem).

4 A doutrina ou política do “no first use” se refere ao comprometimento assumido por potências nucleares de não utilizar armas nucleares como meio de guerra a não ser se atacadas primeiramente por um adversário que utilize esses armamentos. O mesmo conceito pode ser estendido para o emprego de armas químicas e biológicas.

separatismo e extremismo.<sup>5</sup> Em 2004, a declaração de Tashkent estabeleceu o objetivo de liberar o trânsito de mercadorias, serviços, capital e tecnologia entre os países-membro até 2025; em 2005 foi criado o Interbanco da OCS.

Veladamente, há o desejo de conter a influência estadunidense na região. Na declaração de 2006, os Estados-membro proclamaram que nunca se tornariam inimigos ou ingressariam em qualquer aliança capaz de enfraquecer suas respectivas soberania, segurança e integridade territorial, e que também não permitiriam que seus territórios fossem utilizados para esses propósitos. Salienta-se o seguinte: por ser apenas “observadores”, Índia e Paquistão não assinaram o documento.

SCO member states will remain friends from generation to generation and will never be enemies against one another. They are committed to the all-round growth of good-neighborly relations of mutual respect and mutually beneficial cooperation. They support each other in their principled positions on and efforts in safeguarding sovereignty, security and territorial integrity. They will not join any alliance or international organization that undermines the sovereignty, security and territorial integrity of SCO member states. They do not allow their territories to be used to undermine the sovereignty, security or territorial integrity of other member states, and they prohibit activities by organizations or gangs in their territories that are detrimental to the interests of other member states. To this end, SCO member states will conduct, within the SCO framework, consultation on the conclusion of a multilateral legal document of long-term good-neighborly relations, friendship and cooperation (SHANGHAI COOPERATION ORGANIZATION, 2006).

---

5 “The second most important common aim of the SCO members is to promote regional security and internal stability by fighting the ‘three evils’ of terrorism, separatism and extremism. These problems and the associated problems of illicit narcotics and arms trafficking were addressed already at the Shanghai Five summits in 1998 and later. In 2001, when the SCO was founded – already before 9/11 – a special Convention against Terrorism, Separatism and Extremism was adopted, in which the definitions of these terms were very wide. Counteracting these threats ‘in all their manifestations’ was included among the main goals in the SCO Charter” (OLDBERG, 2007, p. 14).

Apesar da declaração de 2006, não há menção ostensiva da OCS sobre os acontecimentos envolvendo Rússia e Ucrânia. O governo chinês, igualmente, pouco se manifesta.

Ao mesmo tempo, se percebe entre os membros da OCS o aumento do intercâmbio militar Rússia-China e Rússia-Índia, e ainda a intensificação das relações militares da China com o Paquistão. A Rússia aparece como um denominador comum entre Índia e China ao desenvolver projetos de defesa com os dois países, maiores importadores de material bélico do mundo, tendo a Rússia como principal parceira, conforme a tabela a seguir. Registre-se a posição da Índia, como grande importadora, da Rússia, como principal fornecedora, e o destaque da posição chinesa no suprimento do Paquistão.

**Tabela 1 - Maiores importadores de material bélico e seus principais fornecedores (2008-2012)**

PAÍS	FATIA DO MERCADO GLOBAL	PRINCIPAIS FORNECEDORES (%)
Índia	12%	Rússia, 79% Grã-Bretanha, 6% Uzbequistão, 4%
China	6%	Rússia, 69% França, 13% Ucrânia, 10%
Paquistão	5%	China, 50% Estados Unidos, 27% Suécia, 5%
Coreia do Sul	5%	Estados Unidos, 77% Alemanha, 15% França, 5%
Cingapura	4%	Estados Unidos, 44% França, 30% Alemanha, 11%

Fonte: Extraído de HOLTON, Paul et al. (2013). Elaboração própria.

A China, que no período 2003-2007 foi o maior importador de material bélico mundial, diminui crescentemente suas compras e apoia-se cada vez mais em suas próprias indústrias. No entanto, componentes essenciais continuaram a ser importados. Assim, os

aviões de combate mais produzidos na China, o J-10 e o J-11, são equipados com motores fornecidos pela Rússia. Entre 2000 e 2012, aquele país efetuou 96 contratos de importação de petrechos militares – destes, 41 com a Rússia (com um valor total superior a 16 bilhões de dólares).<sup>6</sup> Em 2012, a China adquiriu 55 helicópteros de transporte de tropas russos e acordou com este país a compra de aviões de combate e de submarinos. Provavelmente, houve um aumento da confiança do comprador em relação ao vendedor. A China, de certa forma, parece apostar no endosso russo no caso de um conflito. Ao cooperar militarmente com China e Índia, a Rússia assume interessante posição regional, tornando-se um importante agente estabilizador ou podendo atuar, em alguns casos, como o “fiel da balança”.

Entre 2008 e 2012, a Índia foi o país que mais importou equipamentos russos. Em 1998, os dois países criaram a *joint venture* BrahMos Aerospace, que fabrica mísseis de cruzeiro supersônicos. A Rússia contribui com a Índia em projeto de longo alcance estratégico, como o do submarino nuclear indiano e o desenvolvimento de um caça de quinta geração (FGFA - Fifth Generation Fighter Aircraft). Todavia, em janeiro de 2014, o jornal *Business Standard* de Mumbai publicou longa reportagem na qual a Força Aérea Indiana se mostrava incomodada com a relutante postura russa em relação à transferência de tecnologia, apesar dos altos custos envolvidos no projeto (SHUKLA, 2014).

Qual a significação política dos intercâmbios entre Rússia-Índia e Rússia-China? Não cabem dúvidas: a Rússia voltou ao cenário mundial como ator de primeira grandeza e tem mostrado capacidade de resisitir ao cerco projetado pela OTAN.

Outra questão a ser investigada é o desempenho dos BRICS no conjunto da cooperação militar global. Há uma reconfiguração das relações entre os Estados, tendo em conta a capacitação ou fragilização relativa dos seus instrumentos de força. Entre 2000 e

---

6 As informações relativas ao comércio internacional de armas entre 2000 e 2012 foram retiradas do site do Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), principalmente do “SIPRI Arms Transfers Database”: <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>.

2012, mais de um terço dos 210 contratos indianos de importação de material bélico foram realizados com a Rússia (somaram cerca de 20 bilhões de dólares)<sup>7</sup> e apenas oito com os Estados Unidos. A diferença entre o número de acordos celebrados com a Rússia e com os EUA, tradicional parceiro estratégico indiano, é significativa, sobretudo considerando o peso das indústrias bélicas estadunidenses.<sup>8</sup> Ressalte-se que o ministro de Defesa indiano, A. K. Antony, rejeitou publicamente qualquer possibilidade de adquirir os caças estadunidenses de quinta geração F-35, reafirmando total confiança no projeto em desenvolvimento com os russos. Mas há muitos senões nos entendimentos em curso: menos de uma semana após a reportagem publicada pelo jornal *Business Standard*, o portal da *Fox News* alardearia o desapontamento indiano com os russos e enalteceria as qualidades do caça estadunidense em comparação ao russo (LOTT, 2014).

Neste século, a Índia, em contraposição aos interesses chineses, efetuou 27 contratos de exportação de material militar, a grande maioria para Myanmar, Nepal e Sri-Lanka.<sup>9</sup> A Ásia foi também o destino da maioria das exportações de petrechos bélicos realizadas pela China: nos últimos doze anos, 101 dos 210 contratos chineses foram acordados com países daquele continente, 34 apenas com

---

7 Foram adquiridos cerca de 350 aviões por mais de 15 bilhões de dólares, 126 helicópteros por 1,5 bilhão de dólares, 2.157 tanques por quase 2 bilhões de dólares, além de centenas de mísseis, torpedos, bombas e outros petrechos bélicos. "SIPRI Arms Transfers Database": <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

8 Dentre as 100 maiores indústrias do setor de material militar, 44 estão nos Estados Unidos (entre as seis maiores, cinco são estadunidenses), dez na Grã-Bretanha (que possui a 3ª maior), seis na França (inclusive a 11ª maior), quatro na Itália (dentre elas a 8ª maior), seis na Rússia (onde está localizada a 18ª maior), cinco no Japão, quatro na Alemanha, três em Israel e na Índia. Nesta lista, o SIPRI excluiu as indústrias chinesas. Ver "SIPRI Arms Industry Database": <<http://www.sipri.org/research/armaments/production/Top100>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

9 "SIPRI Arms Transfers Database": <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

o Paquistão.<sup>10</sup> Neste caso, é ilustrativo ter a China ultrapassado os Estados Unidos como o principal fornecedor militar.

O desenvolvimento científico, tecnológico e industrial e a crescente influência militar chinesa fez com que pela primeira vez, desde o final da Guerra Fria, houvesse uma alteração no grupo dos cinco maiores exportadores mundiais de material bélico – no caso, a substituição da Grã-Bretanha pela China, conforme pode ser visto na tabela 2. Nesse ritmo, em poucos anos a China será o terceiro maior exportador mundial, deslocando europeus de uma posição ocupada há décadas. Na liderança dos negócios bélicos internacionais, a Rússia acompanha de perto os Estados Unidos.

**Tabela 2 - Maiores exportadores de material bélico e seus principais compradores (2008-2012)**

PAÍS	PERCENTUAL DO MERCADO GLOBAL	PRINCIPAIS COMPRADORES (%)
EUA	30%	Coreia do Sul, 12% Austrália, 10% Emirados Árabes, 7%
Rússia	26%	Índia, 35% China, 15% Argélia, 14%
Alemanha	7%	Grécia, 10% Coreia do Sul, 10% Espanha, 8%
França	6%	Cingapura, 21% China, 12% Marrocos, 10%
China	5%	Paquistão, 55% Myanmar, 8% Bangladesh, 7%

Fonte: Extraído de HOLTON, Paul et al. (2013). Elaboração própria.

<sup>10</sup> Idem.

A crescente participação chinesa e indiana, somada com a russa, nos assuntos militares asiáticos e africanos redesenha radicalmente um mercado sensível para a divisão do poder mundial. Mesmo ainda pouco conhecido, trata-se de uma tendência desestabilizadora, notadamente levando em conta o adensamento da presença militar chinesa na África.

Neste século, mais da terça parte dos contratos chineses de exportação de material bélico foram realizados com países africanos.<sup>11</sup> As importações bélicas desse continente aumentaram 107% entre 2003-2007 e 2008-2012.<sup>12</sup> Argélia, maior importador africano de petrechos militares e 6º do mundo, tem a Rússia como seu principal fornecedor, responsável por 93% das suas aquisições.<sup>13</sup> A África foi o destino de 17% do total das exportações bélicas russas.<sup>14</sup> Tanto a China quanto a Rússia, em suas transações com a África, são beneficiadas pelo histórico de apoio às lutas anticoloniais e, no caso chinês, por uma atuação ofensiva nas políticas de desenvolvimento, sobretudo da infraestrutura africana. A penetração em larga escala de material militar russo e chinês desbancou indústrias ocidentais que buscam clientes desesperadamente. Nesta ótica, o ingresso da África do Sul nos BRICS pode facilitar o aumento da participação dos demais países do bloco nos negócios do emergente mercado africano.

Em que pese ter reconhecido precocemente os Estados saídos das lutas anticoloniais, o Brasil até recentemente devotou pouca atenção ao continente africano. A criação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) foi uma iniciativa mais voltada para alimentar o chamado *soft power* do que efetivamente para estabelecer negócios. No presente, o Brasil projeta investimento

---

11 Idem.

12 Idem.

13 Idem.

14 A Rússia, no século XXI, realizou 85 contratos de exportação de armas para o continente africano, o que lhe valeu nos últimos seis anos mais de 4,5 bilhões de dólares. "SIPRI Arms Transfers Database": <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

da ordem de 120 bilhões de reais na modernização das suas Forças Armadas, e sua Estratégia Nacional de Defesa de dezembro de 2008 define a costa atlântica africana como integrante do entorno estratégico nacional. A presença de oficiais africanos nas escolas militares brasileiras tem sido paulatinamente ampliada, assim como a atração de estudantes universitários africanos. Empresas brasileiras estão cada vez mais presentes na África, mas são pontuais e limitadas as iniciativas em vista da cooperação militar do Brasil com a África.

O Brasil, tradicional exportador de blindados nas décadas de 1970 e 1980, celebrou apenas dois contratos de venda desses veículos entre 2000 e 2012.<sup>15</sup> Em comparação, a África do Sul, que se destaca na fabricação de blindados, no mesmo período, firmou 91 contratos de exportação de material bélico, destes, 42 em seu continente.<sup>16</sup> Apesar de figurar entre os quinze países com os maiores gastos militares, a falta de investimento nas atividades de P&D e na indústria de defesa fez com que o Brasil perdesse competitividade internacional no setor bélico. Na produção de blindados, as indústrias sul-africanas e brasileiras podem ter uma oportunidade de cooperação.

O estreitamento da parceria Brasil-África do Sul, fundamental para a segurança do Atlântico Sul, abriria o mercado africano para as aeronaves produzidas pela Embraer, 80ª maior indústria de material bélico do mundo.<sup>17</sup> Das 32 operações de exportação de armamentos realizadas pelo Brasil nos últimos doze anos, dezessete foram de aeronaves, mas apenas quatro tiveram como destino a África.<sup>18</sup>

---

15 "SIPRI Arms Transfers Database": <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

16 Idem.

17 "SIPRI Arms Industry Database": <<http://www.sipri.org/research/armaments/production/Top100>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

18 "SIPRI Arms Transfers Database": <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

Desde o lançamento da Estratégia Nacional de Defesa, em 2008, a modernização das Forças Armadas brasileiras é assunto recorrente. Os grandes exportadores de material bélico disputam o mercado brasileiro. Entre os anos de 2000 e 2012, o Brasil efetuou 76 operações de importação de equipamentos militares. Destas, doze foram com a França, parceira no programa do submarino nuclear brasileiro. Em 2008, o Brasil, reeditando prática antiga, adquiriu doze caças Mirage usados (160 milhões de euros) e de 73 helicópteros (mais de 2 bilhões de euros). Entre as 76 operações de importação, vinte ajustadas com os Estados Unidos (incluindo a compra de vinte helicópteros, entre 2006 e 2009, por 477 milhões de dólares) e três com a Rússia: a compra de doze helicópteros de combate (por U\$ 150 milhões, em 2009), 150 mísseis antitanque e 250 mísseis terra-ar portáteis.<sup>19</sup>

Contando ainda a recente escolha das novas aeronaves que irão equipar a Força Aérea Brasileira é possível dizer que o Brasil tem sido no mínimo pouco audacioso na renovação dos seus parceiros. A alegada busca de independência tecnológica propagandeada pelo Estado brasileiro não foi acompanhada por uma busca de alternativas condizente com a renovação das relações de força no quadro mundial. Cabe ao Brasil abrir os olhos para o sucesso dos projetos desenvolvidos em conjunto por Rússia-China e principalmente por Rússia-Índia. Tais parcerias estão redesenhando a ordem mundial, inclusive com repercussões nos conjuntos africano e sul-americano, que o Brasil toma como seu entorno estratégico.

## REFERÊNCIAS

BAUMANN, R. (Org.). **O Brasil e os demais BRICs**: Comércio e Política. Brasília: CEPAL, Escritório no Brasil; IPEA, 2010.

BEHERA, L. K. Capacitação Nuclear na Indústria de Construção Naval Indiana. In: MONTEIRO, A. D.; WINAND, E. C. A.; GOLDONI, L. R. F. (Orgs.). **Pensamento Brasileiro em Defesa**: VI ENABED. Aracaju: Editora da UFS, 2013. cap. 9, p. 141-147.

---

19 Idem.

BOND, P. The BRICS come to Durban: what we can expect from the March 2013 summit of subimperial powers. **UKZN Development Studies Seminar**, Durban, 2013. p. 1-92.

\_\_\_\_\_. **Are BRICS any use for rebuilding the collapsing global financial architecture?** Durban: Centre for Civil Society, , 2013.

BRAHMAND. **World Defence Update 2013**. Nova Deli: Pentagon Press, 2013.

FOWLER, A. Civil Society and Aid in Africa: A case of mistaken identity?. In: OBADARE, E. (Ed.). **Handbook of Civil Society in África**. Nova Iorque: Springer, 2013.

GUPTA, A. **China's Defence White Paper 2013**: Lessons for India. Institute for Defence Studies and Analyzes (IDSA), Nova Deli, 25 abr. 2013. Disponível em: <[http://idsa.in/idsacomments/ChinasDefenceWhitePaper2013LessonsforIndia\\_agupta\\_250413](http://idsa.in/idsacomments/ChinasDefenceWhitePaper2013LessonsforIndia_agupta_250413)>. Acesso em: 20 nov. 2013.

HOLTON, P. et al. Trends in International Arms Transfers, 2012. **SIPRI Fact Sheet**, Stockholm, mar. 2013.

KIMENYI, M. S.; ZENIA, L. The BRICS and the New Scramble for Africa. In: **Foresight Africa**: The Continent's Greatest Challenges and Opportunities for 2011. The Brookings Institution, 2011.

LOTT, M. Russian rubbish? India reportedly disappointed with stealth fighters from Moscow. **Fox News**, 26 de janeiro de 2014.

LUNDIN, I. B. A intervenção militar na Líbia. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v.7, n.13. p. 193-209, jul./dez. 2011.

MINISTRY OF DEFENSE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **White Paper 2013**. Disponível em: <[http://eng.mod.gov.cn/Database/WhitePapers/2013-04/16/content\\_4442752.htm](http://eng.mod.gov.cn/Database/WhitePapers/2013-04/16/content_4442752.htm)>. Acesso em: 21 nov. 2013.

OLDBERG, I. **The Shanghai Cooperation Organisation**: Powerhouse or Paper Tiger? FOI – Swedish Defence Research Agency, FOI. FOI-R--2301--SE, 2007.

PANDA, J. P. BRICS and the China-India Construct: A New World Order in Making? **Institute for Defence Studies and Analyzes (IDSA) Monograph Series**. New Deli, set. 2013.

PIMENTEL, J. V. S. (Org.). **Debatendo o BRICS**. Brasília: FUNAG, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Brasil, os BRICS e a agenda internacional**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: FUNAG, 2013.

RAMOS, J. P. G. A.; FERREIRA, P. C.; MEYLAN, J. P. Os constantes incidentes militares na fronteira entre China e Índia e seus impactos sobre as relações bilaterais. In: **BRICS MONITOR**, Rio de Janeiro: BRICS POLICY CENTER, nov. 2013.

SHANGHAI COOPERATION ORGANIZATION. **Joint Communiqué of Meeting of the Council of the Heads of the Member States of the Shanghai Cooperation Organisation**. Shanghai, 2006. Disponível em: <<http://www.sectso.org/EN123/show.asp?id=95>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

SHUKLA, A. Russia can't deliver on Fifth Generation Fighter Aircraft: IAF. **Business Standard**, 21 de janeiro de 2014.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE (SIPRI). **SIPRI Arms Transfers Database**. Disponível em: <[http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade\\_register.php](http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/trade_register.php)>. Acesso em: 16 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **SIPRI Arms Industry Database**. Disponível em: <<http://www.sipri.org/research/armaments/production/Top100>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **UNCTAD Statistics**. Disponível em: <[www.unctadstat.unctad.org](http://www.unctadstat.unctad.org)>. Acesso em: 17 nov. 2013.